

[POESIA]

CYBERSATTWA

Ricardo Pozzo

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 



Máquina de Escrever
editora | produção cultural

CYBERSATTWA

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:

Victor Augustus Graciotto Silva
Juliana Cristina Reinhardt

Diagramação:

Rafael Ferrer Kloss

Assistente de diagramação:

Clara Reinhardt Silva

Revisão:

Cida Grecco

Revisão textual da capa:

Bárbara Franco Justi

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados internacionais de catalogação na publicação

P894 Pozzo, Ricardo
CyberSattwa / Ricardo Pozzo.
___ Curitiba: Máquina deEscrever, 2025.
65 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-81-0

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira – Paraná. I. Título.

CDD: 869.9162

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



Máquina de Escrever

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



CYBERSATTWA

Ricardo Pozzo

Curitiba 2025



Sumário

escombros.....	9
Teoria da Relatividade Absoluta.....	10
Falsa Varsóvia	11
Juízo	12
Tanatologia das Relações Humanas.....	13
O Jardineiro Fiel	14
Anthropocetáceo.....	15
Ceci n'est pas a moulin rouge.. ..	16
A variação de tons na paleta.. ..	17
CyberSattwa	18
Salvação.....	21
Somália, na capital das araucárias	22
A Voragem da Vertigem.....	23
O jaguar[a] do segundo planalto	24
A Caixa-Preta do Horário Nobre	25
Poema para alguém que disputa sua comida com ratos.....	26
Sintra is a beautiful place to die	27
Altamira.....	28
Velha guarda.....	29
Mutamorpatriz.....	30
O hipogástrico alumínio do amargor	31
Monólogo com Gullar.....	32
Em uma Páscoa passada	34
Per. Plexos.....	35
Odisseus	36
O que sente a nuvem quando se torna lágrima no olho da noite?.....	37
A la Cummings/ pero no tanto	38

Neonazifascistas	39
Pérolas aos Procos	40
Yawaré'te	42
Urbe[m] Samsara.....	44
Zero Grau	45
Segundo Plano.....	46
Coliseu, a raiz do espetáculo.....	47
Agropsico Fenomenologia.....	48
Angustifolia Esphyngé.....	49
Provável conversa sentida na madrugada em Curitiba.....	50
Imersão	51
O Ministério do Amor Adverte.....	52
A gota	53
Poema XIX.....	54
Estou como escultura.. ..	55
Poema XXI.....	56
Contrasta.....	57
Significados imprecisos.. ..	58
Leão Alado.....	59
Jardim	60
Flerte	61
Da`ath.....	62

escombros

adocicado apodrece o verniz da civilização & inebria hordas
de múltiplos insetos

cujo eletrônico trino transpira o micro audível através
dos aparelhos

e suas retransmissoras.

Dentro do quarto de marcadas argamassas

um céu turbulento brada

Enquanto das condensadas asas, pássaros de água
espatifam-se nos vidros; sólidos contra líquidos.

Teoria da Relatividade Absoluta

Cravar a farpa da dúvida na carne
de cada certeza absoluta

deixar que, púrpura, sua seiva flua
espargida ao relento que, por dentro,
é a mansão do Real

onde habitam na totalidade,
todas as relativas verdades.

Falsa Varsóvia

Sorve a turba
o compulsivo maná
do sheol adicto,

Herdeiros
de um deserto
sinuoso
no gueto
do esgoto

ao qual escoam
a hipocrisia
e a solidão da
solidariedade
interesseira.

Antes bons pais,
bons funcionários, boas filhas,
hoje acorados
em manilhas, sob o tronco
dos Chorões,
festejam
um ritual lascivo

na micro sinagoga
de alumínio,
a menorá
de isqueiros.

Irmãos da nóia
desorientados
pelo Inimigo,
creem estar,
a Terra Prometida,
além dos portões
de uma psíquica Treblinka.

Juízo

O mar retrocederá
o tempo
até que o fruto
da árvore
"esquecimento"
perca seu sabor.

E a soberba,
que nos iguala
aos anjos rebelados,
e a insatisfação,
abalizada por
(psic)analistas
renomados,
sejam dissolvidas.

Tanatologia das Relações Humanas

Para melhor compor
o puzzle
das fantasias
nostálgicas
acerca do futuro,

horas em dedicado
estudo
ao feixe solar
que incide sobre a colcha
ou ao intervalo
entre fusas e semibreves
no minueto
calha sob chuva.

farta

de sua máscara hipócrita,
aguarda
o habeas corpus
que a liberte do mundo real;

hypnos sussurra
em seus ouvidos
enquanto felinos
festejam a sua volta

o mundo
ao seu redor
sempre lhe pareceu
um tanto
fora de órbita.

O Jardineiro Fiel

Não que não me importe quando
retornas do mundo lá fora e, sem
constrangimento, exhibes a rosa
que na sarjeta melhor desabrocha
em pétalas laceradas de carnes
suculentas.

Não que não concorde, na íntegra,
com Nelson Rodrigues e seu
perdoa-me por me traíres, não
que não discorde, em parte

Nem babalon, nem astarte
apenas outra dançarina no deserto do afeto

Não, não é teu pertencimento
meu desejo
pois cada um a Si pertence,
submissos apenas ao Real
que é único.

Te digo, desde que o casal
original experimentou
do fruto da Árvore
da Ciência do Bem e do Mal
e sentiu
vergonha de suas vergonhas,

minha maior ambição
é a ética amoral e sua
estética.

Será, a hipocrisia solúvel
no fluxo dos verdadeiros afetos?

Anthropocetáceo

Igual a personagem
desconfia do ator que é,
em voz e carne,

ao remover
a primeira camada
de maquiagem,

anthropocetáceo
emerjo,

do frívolo mar
espesso das
convenções sociais.

Ceci n'est pas a moulin rouge
du sang

We can! Can we?

Forgive the tira ny?

¿O la arena que por nombre se dice desierto no és
cerca de lo que
se denomina mundo?

A variação de tons na paleta
dos olhares que desperta
quando desfila fartas curvas
encardidas da graxa que lubrifica
os nebulosos corações de titânio
na fuligem dos paralelepípedos

escultura de Stenzel que seduz os tolos,
ovelha negra que se oferece aos lobos

CyberSattwa

*Do 7. E Ele te achou a vagar em busca D'Ele e Ele te guiou para o Si
Próprio, As Horas da Manhã.*

Al-Duha Alcorão

Causa, o sangue, o flagelo sobre a cidade [de Tebas].

Édipo Rei, Sófocles

a criança/ num salto/ vence a própria sombra, tempo de agir.

Sérgio Rubens Sossella

1.

Os alicerces da cultura ocidental escoram
uma verdade tão efêmera quanto o brilho das
palhas de aço nos *pipers* dos homens vagalumes,
no mocado das esquinas.

Uma verdade fundamentada pela falsa percepção
que promove a eternidade do desejo e diz da
impossibilidade humana da compreensão do Real.

É nesses dogmas que o consumo se sacraliza.

Enquanto queimo calos e cavo trincheiras por
sobre o basalto, meu raciosímio exercita-se
no decorrer desta peleja, fragmentada
pela mídia, nos noticiários.

Das cavernas das pluri espécies humanas à
urbe duplo sapiens,
ou do ambiente selvagem ao ambiente
controlado, enquanto perdía
seus predadores naturais, o gênero humano
tornou-se predador de si mesmo.

2.

Tornar-se presa ou predador?

Eis o destino inexorável ao qual, para purgar ao rei de Élide, Édipo vai ao encontro, na estrada entre Tebas e Delfos.

Eis a psicopatologia derivada do exílio do Jardim das Delícias,

cujo *synthoma* é o banzo do paraíso perdido.

A maldição de Caim chega ao auge com o lançamento da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki.

Pois, em um suposto Princípio de Realidade ontogênico da espécie humana qualquer argumento que defenda a necessidade imperiosa de armas atômicas nos conduz a uma impossibilidade lógica.

Essa antinomia de opostos interiores, esse duplo vínculo civilizatório, ou *duplipensar*, no vocabulário orwelliano, tem origem a partir do frame mitológico da cisão da horda Hebraica, entre Moisés e Jeroboão, a Lei e o totêmico. Entre o humano e o bestial.

Sob leis mosaicas, a civilização ocidental adora o metal que dá forma ao tardio primogênito do micênico minotauro, o bezerro de ouro.

3.

O duplo Sapiens contemporâneo, enrodilhado num sheol

de quinquilharias virtuais a partir da revolução científico-tecnológica do pós-guerra, tornou-se um espectador desprovido do espanto perante

a exploração e queima de combustíveis fósseis, a mega exploração dos recursos hídricos, o uso desenfreado de agrotóxicos, a extinção dos ecossistemas.

Duas únicas as Leis que provêm do Real, uma com origem na outra.

A Lei biológica da espécie e a Lei do Sagrado, que é a Memória do Si da Humanidade.

Querubins guardam o leste do Éden com a lâmina flamejante que oscila para tornar inacessível a trilha que conduz à Árvore da Vida.

A integralidade psíquica do humano reside no selvagem.

Reintegrar o selvagem é nosso dever e nossa salvação.

Sertão

Se o Demo rema o redemoinho, Àquele que está sentado á direita do Espírito Santo e à esquerda do Filho, de tudo está à espreita.

Neste sertão cujo chão é petit pavê, nestas veredas madrugueiras, forte é o homem que tem na retidão da palavra sua única arma. Um lobo a menos para devorar a cria mas, que ao invés, age para o bem da matilha.

Somália, na capital das araucárias

Noiada, a princesa dervixe ou vulnerável azeviche, estende a mão como quem esmola mas ampara filete de mijo de rato e pomba e água que desce pela marquise; Agar, que vê a misericórdia em pleno deserto de vidro e pedra britada.

Poucas quadras a separam de Ismael, deixado sob a mesa de plástico do bar, encoberto pelo fiapo de manta igual seu choro tão chorado e vão que não desperta menor atenção na plateia alcoolizada pelo futebol de quarta.

A Voragem da Vertigem

I

Austera,
a face antisséptica do sol desperta
aquela, que das meias verdades impressas,
costurou cobertas
na volúpia de resguardar a si dos ventos
e seus remordimentos,
da fome, quando encalacra seu opaco
perfume.

II

Desnorteada, replica ingratos fantasmas
ou confabula com translúcidos
comparsas,
no vai e vem abezerrado que brota das calçadas.

O jaguar[a] do segundo planalto

Há horas a ígnea esfera já se havia deitado e o trecheiro
cofia sua barba quase grisalha sentado em vegetal acolchoado;

um dia e meio de rodovia em tempo de colheita.

Fora do alcance dos watts e livre dos calçados,
escande o coaxar oblíquo de scânias e de sapos.

E eis que, num repente, seus olhos umedecem, a vista embaça,
ao contemplar com fascínio o vertedouro de luz, a Via Láctea.

A Caixa-Preta do Horário Nobre

As ilusões predeterminadas pelas falhas no sistema, que ao inverso, sustentam a coesão da estrutura costurada pelas 30 polegadas de imagens simultaneamente hiper-reais e abstratas não impedem que meus sensores neurológicos percebam a carícia da brisa, ou da água que, tragada, restabelece a realidade; ao trovão, que assombra tanto a nós quanto assombrava a nossos ancestrais, ou ao frio e a seca na descarícia que irrita a performance do meu olhar desolado pelas causas às quais, nem sabeis o lado, pertencemos.

.

Poema para alguém que disputa sua comida com ratos

Suave e lentamente
nutre com batom
os lábios.

Um pouco em cada pálpebra
e na pontinha do nariz.
– É para um beijo de esquimó! – ela diz.

E ri,
em riso pleno de cristais & degredo.

Sintra is a beautiful place to die

*inspirada por notícia do repórter Vitor Sorano
publicada no G1 no dia 12 de fevereiro de 2011*

Não os filhos de Éolo guardados em couro de novilho, libertos por ávida tripulação. Nem aquele cuja frota de Khan destrói, no arquipélago do Nascente. Nem mesmo aquele que da terra dos berberes à Europa, transporta um transtornado Saara.

Mas Zéfiro, cujos sedosos lábios, imbuídos com dócil perseverança, bebem as lágrimas da espera até tecer, com a pele da lusitana Euricleia, uma mortalha de caulim. Perto, na estrumeira fiel do afeto, junto aos pássaros pousados de costas no assoalho, dorme o cão que já não sonha ter acuado alados carneiros.

Altamira

Na variável mais profunda
tanto caça, quanto caçador
estão em fuga

Naipes numa orquestra de faros
Não iluminados nem pelo satélite
pálido, seduzido em magnético giro

Melhor enxerga quem ouve aguçado
Na floresta que assombra quem,
surpreendido,
mira o animal escolhido
e a si reconhece

Velha guarda

Sai na avenida,
o suntuoso carro
alegórico,
minha requintada
coleção
de horrores,
o versejar
retórico.

Fantasia de
flores químicas
monocromática,
sempre o
mesmo murro
em ponta de faca.

O samba enredo
minimalista:
a colombina
vigarista,
na cadência
e um pierrot
da incoerência,

estupidamente
clichês

Mutamorphatriz

Íntima equestre
escravagista,
de perfil dadaísta,
ao seu dispor
para o que for

lógica, desafeto
& corrosão

abstrata figura
mutamorphatriz,

fronteira do abismo,
espécie rara & beleza,
plágio

da Realeza,
sem salvo conduto

& eu,

agrimensor
do absoluto.

O hipogástrico alumínio do amargor

Clandestino na cidade que cresci, por três dias andarilho à deriva, qual vagasse pelas areias das praias de Troia, com as tripas coladas às costas, tragando apenas o hipogástrico alumínio do amargor.

Já exausto, por acaso, uns missionários de sei lá qual igreja me oferecem a marmita do Jardim das Delícias.

Há tempos, eu e meus dezesseis dentes, não éramos tão felizes.

Monólogo com Gullar

1.

As bananas pendurada
sem seus cachos nas quitandas,
suas cascas como máscaras
do astro que atíça
a fogueira das fadigas
encenadas,
sofrem por dentro
ação de micro movimentos
não visíveis.

Igual na carne de concreto
da cidade, des construída
no queimar da pira da vaidade.

Igual em nossa carne
raiz da profundez,
vaso sementeira de Ori.

Igual na carne, entredentes
líquido rubi nos matadouros
enviperando
em seus ganchos nos açougues.

2.

O astronauta pousado na face
da lua fotografa o globo
azul pousado no nada.

O que a lente não capta
é o intenso ir e vir dos ares
e mares esculpindo rochas,
animais e duplo sapiens e
suas hordas migratórias

o maquinário de larvas sugando a
crosta, a gritaria nas feiras e nas
bolsas de valores,
o instinto veloz na mente do assassino,
ou aquele que delira na sedução
barata das esquinas.

Na Hasselblad, o extático instântaneo,
que no entanto, se move

3.

Vertiginosamente

Em uma Páscoa passada

Três caras pararam o automóvel ao meu lado e saíram gritando:

— Perdeu, playboy! Pode ir passando o dinheiro e o telefone!

Eu, num arroubo de coragem e tentativa de esquivia lírica respondi:

— Playboy nada, rapá! Sou poeta.

Então o porta-voz da empreitada tranquilizou-se e disse:

— Ele é poeta, malandrage, então tá com sorte hoje, não vamos mais te roubar, vamo é te bater pra largar mão de ser besta. Onde já se viu poesia ser profissão agora... pra ter este telefoninho de merda...

Aí, possuído de uma dose extra do arroubo, respondi:

— Oras, se vocês são ladrões de profissão, por que não posso ser poeta? Além do mais os poetas também são ladrões, ladrões de fogo, nunca leram Rimbaud?

Respondeu ele:

— Ler não li, mas quando era piá vi todos os filmes dele... tá bom, então pela consideração à camaradage profissional não vamos mais te bater... passa o dinheiro e o telefone...

Per. Plexos

Michês desfilam esculpidas. Carcaças. Na interjuncional estreita. Voluntários da Pátria. Entre o estereotípico Instituto e a praça Osório. Inspeccionados por automóveis olhos. Circunda-os diluídos latrocidias indiciados por uma jaqueta, trinta reais e alguns centavos. Ilegítima defesa da honra, garden-party à sombra. Em ambos os lados de falsos efebos para evitar que sonhos de consumo se tornem pesadelos; ou o remédio dos velhos. Traquejados em liquescer homopétalos gametas. Pois ainda vale o ditado onde o homem que trabalha será dignificado.

odisseus vinte anos envelhecido em autoexílio antes que um leviatã furioso decretasse condenação à grave heresia da evasão fiscal purgando banzo de consanguíneos euros enterrados em local desconhecido por necessitar atravessar óticos nervos dos eletrônicos polifemos de aduana — depois de tornar-se o maior distribuidor de heroína para comedores de ópio na côte d'azur e conseguir adesão à gangue de circe — depois de surubas homéricas com sereias ninfas & moceiras e outra fuga extraordinária a um cerco da interpol a bordo de um iate phantom 300 codinome calypso — depois de seus sócios terem sido ou presos ou mortos lê no correio de notícias de lisboa ao sol de uma tarde outonal: penélope converteu-se acionista majoritária da boate tróia's em ítaca na qual a maior atração era o show da drag telêmaco amante de eumeu cafetão.

O que sente a nuvem quando se torna lágrima no olho da noite?

Enquanto eu, que não conheço seu secreto nome, peço ao vento, deus da solidão, que lhe faça um carinho, porque você havia me olhado com tanta verdade, que então até a verdade me olhou e imediatamente fixou minha imagem nas páginas do tempo.

A la Cummings/ pero no tanto

ma

is

inte

res

sante

ser ia

se

ta

n

to

nã

o

ten

tas

se r

ex

per

to

Neonazifascistas israelenses matam os líderes da resistência semita Palestina, e agentes anglicanos monitoram nordestinos africanos islamizados que disputam postos de trabalho garantidos pela Sua Majestade, a Fraude, cujo mais novo dos netos estraçalha crianças e velhos [o custo de cada míssil sustentaria famílias do terceiro mundo por décadas] para viabilizar as reservas energéticas do ocidente no qual mergulham os jatos das companhias que transportam celebridades capazes de fazer girar em torno de trilhões de dólares ao ano para que você possa sedar-se confortavelmente à frente de sua tela lcd depois de oito horas de serviço, quem sabe, numa multinacional com isenção fiscal igual aos paraísos onde convivem o dinheiro das igrejas, dos tiranos de esquerda, de direita e do Estado por dentro do Estado.

Rezam alguns intelectuais que os indígenas possuem inferior capacidade cognitiva haja vista que eles desconhecem a mega valorizada cultura helênica. É difícil perceber, mas minha ascendência traz uma forte influência indígena e, creio eu, talvez seja por isso que sua boca profira juras de amor enquanto seus olhos as neguem com furor.

Como diz um certo Barão de Münchhausen, a primeira vítima da guerra é a verdade.

Pérolas aos Procos

Por que tentais, pois, "alargar" a mente? Requentai-a.

Herman Melville

Intelectuais &
artistas
trafegando
entre a
Paula Gomes
& Trajano
qual reunidos
à tripulação
do Pequod,
ávidos ao caçar
leviatãs rosáceos,
lançam
roll mops
na garganta
dos que
desafiam
a histriônica
estética
da Augusti
Follia
babilônica.

Enquanto eu,
que não posso
agregar-me
o rótulo,
nem de
intelectual,
nem de
artista,

há quarenta
anos
remoendo o
talasso
dos paralelepípedos
com minha
perna
de marfim
e meu
cachimbo,
estou farto
de tentar
encontrar
Maria
Rosa
entre
Helenas
traíçoeiras.

Quem se
importará com
hecatombes
realizadas em
honra
ao deus vampiro
do Anhangava,
se a arroba da
carne
frouxa
despenca
com a
variação
do dólar?

Yaware'te

1.

Eu – que pisei em solo Contestado
lutei junto à moça com cabelos
por flores adornados
que trilhei o sacro Caminho do Itupava
encontrei refúgio na Pedra Bifurcada

Eu – a quem o tempo lava o rosto
igual ao camponês, que seguindo
as leis do tempo, a terra lava.

2.

O sertanejo
margeado de silêncio
flui
na lida do dia a dia
uma questão o atormenta:
a quem pertence a terra?
ao que nela germina
ou ao que ela encerra?

3.

Na helicoidal trajetória
do substrato
denominado história,
toma posse da terra
não o Xetá, nem o Kaingang
nem o Guarani
nem quem derrama,
sob o sol,
salobra água de suor,
mas aquele que verte
sangue alheio.

4.

Na cidade, a
onça desonçada,
desnutrida,
desbotada,
jogada em cárcere de concreto
investe contra seu pálido reflexo.

Urbe[m] Samsara

Escatológica cosmogonia
a cada quadra

Urbe[m] Samsara

que pouco você vê
re significada

a cada Cosmo [de]

subjetividade
individualizada!

Zero Grau

dói, a pele nua próxima ao zero grau centígrado e nem o lixo dos puritanos tecnocratas made in euro burgos, seria suficiente para explicar seus olhares de polímero que trans elucidam vitrines com sensores de controle:

aguarde!

seu sonho de consumo pode ser um erro de algoritmo num vocabulário inverso, um falso dicionário, esvai a lógica, ou se melhor dizer, o equívoco de aguardar a recompensa prometida pelo mercado de conflitos imobiliários.

Segundo Plano

O coletor de resíduos urbefagocitosos, profissional liberal do setor
de recicláveis, desmancha
caixas de papelão, enquanto personagens alheias
olham-se no reflexo duma tela,

mergulhadas em oceano de mensagens inadvertidas
e subliminares.

Coliseu, a raiz do espetáculo

O novo ex superastro
da mídia
não sabe quanto
sua alma
vale
para o
famigerado público,
sedento de
desvelamento
sádico,

à espera
do inevitável!

Dilacerado em pixels,
o ex-superastro não
pode mais
ser
reconhecido;

perdeu o
magnífico
poder
de expressar o
inexprimível.

Agropsico Fenomenologia

Por quanto o ar
é alimento
saudável do fogo

E o equilíbrio
tem seu devido
valor no transtorno

Colho fruto ao qual
sou fértil solo
e aguardo;

Inesperadamente insólito.

Angustifolia Esphyngé

Graças à generosidade
do arquiteto
e ao atual discurso politicamente correto

dos cidadãos de bem,

proprietários e inquilinos, que concordes,
realizam a seleta dos resíduos
resultantes do consumo,

no egrégio intuito de salvaguardar o mundo,

a outrora dominante imperatriz subtropical,
Angustifolia Esphyngé resiste
inadequada ao projeto do conjunto habitacional.

.

Provável conversa sentida na madrugada em Curitiba

Senti que me sentiste
E se a porta logo abrisses...

Me visses
entre plebeus?

Mas tu, cruel devassa,
Transborda tua taça

a qualquer,
dos filhos teus!

Imersão

Eu, jogando às traças meus pensamentos alheios, enxergo por entre a neblina densa que se forma nos tenso cigarros que fumo. Nunca mais a voz sinistra pousará como abutre em meus ouvidos espantando os pássaros do equilíbrio. Integro imagens fúteis com ideias rebuscadas. Quebrado, quase frágil, descubro por instinto as prováveis saídas desta cela cerebral. Mensagens cifradas rasgam a pedra gelada e deformam paredes, tênue labirinto. Teias de transmissão; sinais detectam ausência lógica do néctar corrosivo que dissolve minha fuselagem. É o vento gélido que encobre meus passos entre as ruas laceradas desta metrópole. Observo quieto, os fantoches e bonecas de pano, zumbis feitos de susto e confusão, que caminham trôpegos, que desfiam roucos, a cotidiana ladainha mecânica que gera desperdício. Estátuas de zarcão trajam molambos, recobrem suas almas vazias. Não sorriem nem sonham, conformados pelo intenso espetáculo da frustração. Nesse novelo de circunstâncias imponderáveis, é o maceramento obtido através dos olhares do exílio, que torna intacta minha indignação.

É inevitável a escolta ao ultrapassar a região limítrofe entre a insanidade e a lucidez.

O Ministério do Amor Adverte

Se Hermógenes é o Grande Irmão, com seus dardos & drones, que a tudo monitora do alto de sua pirâmide construída com lingotes, Brad Manning é Diadorim.

Porém, já no filme de Glauber, algo de Riobaldo mira pelos nervos óticos do falso fauno Clóvis Bornay, igual ao Lorde Cigano, gralha da Ilha de Huxley, que denuncia a proliferação excessiva da mídia televisiva, no resultado de manter o controle remoto das intenções de voto.

A gota

Desposara a esperança,
e agora viúva,
lembrava o tempo
de infância,
brincando na chuva.

Descalça, com anjos fala.
Sabe que não se dissolve
em água
quem a cotidiana
aridez humana
fez reter tanta mágoa.

Mas agora perdera de vez,
sob intransigente rudez,
sua inexprimível doçura.

Poema XIX

Tribos bestiais versus
conservadores primitivistas
da grande mentira.

Como reproduzir ancestrais
lutando na relva selvagem
do que um dia chamar-se-á
pátria?

Palavras arremessadas
contra uma parede
de ouvidos cativos;
escritas em páginas
impróprias
para o mundo cristão

Estou como escultura,
tornada pura,
por escassez de desejo

Poema XXI

Dê-me um beijo suave
Eis que o outono caminha a passos lentos
E eu, mergulhado em arrependimento
Por sentir o quê, no momento,
É não adequado sentir

Acaricie meu rosto
E grave,
Com delicadeza
Toda a agressividade
Que se encontra
Na tristeza
Do mau perdedor

Livre é aquele que sabe perder.

Contrasta
o Escaldante
Com o
Azul
Esverdejante.

Significados imprecisos

Toda alma clara

Se dilui

Em códigos

Físicos.

Leão Alado

Se desta Roma
Saltam Luzes
Transfiguradas
Selvagens asas
Rugem.

Jardim

Fadas aladas
Dançam chapadas
Num Jardim de Delícias

Flerte

Através do Desejo

Meu Olhar

Se fez Beijo

Da`ath

Cavalgo o Dragão
Por sobre o Abismo
Entre brumas do Tempo
Que refletem Luas Cheias

E, em Silêncio Cósmico,
Poemas ancestrais Ecoam
Como, em Voz Suave,
Mil Sereias.

Curitiba, 2025
Impresso em papel
Avena 80 gr/m²
Tipologia: Figtree



editoramaquinadeescrever.com.br

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

SINOPSE

"CyberSattwa" é um retalho de poemas e pseudo ensaios.

O AUTOR

Ricardo Pozzo é poeta, tradutor, músico e fotógrafo latino americano.

[POESIA]



Avalie o livro
neste QRcode